

ENTREVISTA COM: RAQUEL GOMES NORONHA



Créditos: Raquel Gomes Noronha.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3753-5143>

RESUMO

Raquel Noronha, professora associada e pesquisadora da UFMA, em entrevista à MIX Sustentável, destaca as questões que envolvem a diversidade cultural do Maranhão e a sustentabilidade a partir de uma abordagem de caráter decolonial. Apresenta as pesquisas e os pesquisadores do NIDA - Grupo de pesquisas Narrativas em inovação, design e antropologia que propõem, de forma crítica e especulativa, a superação do paradigma antropocêntrico a partir do envolvimento de cosmologias outras nas práticas de designantropologia. Tais perspectivas entram em diálogo com a proposta de realização do X SDS, em 2025, na cidade de São Luís. Neste sentido, apresenta os diálogos entre a produção do Programa de Pós-Graduação em Design da UFMA sobre a temática, envolvendo a realidade local. O

evento, em sua décima edição, acontecerá na Amazônia Legal e isso traz importantes implicações.

PALAVRAS-CHAVES

Designantropologia; decolonialidade; saberes locais; sustentabilidade; SDS.

ABSTRACT

Raquel Noronha, associate professor and researcher at UFMA, in an interview with MIX Sustentável, highlights the issues involving the cultural diversity of Maranhão and sustainability in a decolonial approach. She presents the research project of NIDA – Research Group Narratives on Innovation, Design and Anthropology, which proposes, in a critical and speculative way, the overcoming of the anthropocentric paradigm through the involvement of other cosmologies in the practices of designanthropology. These perspectives dialogue with the proposal to hold the X SDS, in 2025, in the city of São Luís. In this sense, it presents the dialogues between the production of the UFMA Postgraduate Program in Design on the topic, involving the local reality. The event, in its tenth edition, will take place at Amazon Legal and will have important implications.

KEYWORDS

Designanthropology; decoloniality; local knowledges; sustainability; SDS.

1. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória e a sua relação com a sustentabilidade?

Costumo iniciar esta história com o projeto de extensão que iniciei em 2009, o Iconografias do Maranhão. Sou carioca, graduei-me Desenhista Industrial pela ESDI, em 2002, e, logo após, vim residir em São Luís. Já faz 20 anos que vivo aqui e a mesma motivação que me fez criar o Iconografias, em 2009, permanece até hoje: meu encantamento com a riqueza cultural deste estado!

Em 2004, 2005, eu estava muito curiosa com a cidade, era recém-chegada e ávida em conhecer a cultura local. O



“olhar estrangeiro” me conduzia aos detalhes imagéticos das manifestações como o bumba-meu-boi, o tambor de crioula, tambor de mina, os blocos tradicionais de carnaval, o reggae, enfim, a profusão de estímulos era enorme, e, ao mesmo tempo, deparava-me com um comércio incipiente de artesanato local no centro histórico de São Luís. Chamava-me a atenção a pouca variedade e a falta de originalidade, de diferenciação de tais produtos. O industrializado, artefatos produzidos em média escala, com feição artesanal, e que podem receber uma assinatura diferente em cada cidade em que é disponibilizado, dominava as prateleiras das lojas turísticas.

A essa altura eu já era docente da UFMA, desde 2006, e em levantamento realizado em uma feira de artesanato localizada no bairro da Praia Grande, entrevistando artesãos e turistas, percebeu-se que havia um grande descompasso entre as percepções sobre os produtos. Se por um lado, os artesãos locais estavam muito satisfeitos com suas produções, os turistas demonstravam insatisfação com a reprodutibilidade de produtos, falta de conexão com a cultura local e, ainda, questões de acabamento das peças. Nesta lacuna entre as percepções de produtores e consumidores, identifiquei uma oportunidade de ação e escrevi o projeto Iconografias do Maranhão. De lá pra cá, já temos doze edições realizadas, com iniciativas nos grupos de cultura tradicional de São Luís, terreiros de religiões de matriz africana, quilombos do município de Alcântara, estaleiros tradicionais, em diversas ações de mapeamento iconográfico, cocriação de linhas de produtos artesanais, levantamentos de cadeias produtivas, desenvolvimento de embalagens e identidades visuais para produtos artesanais, desenvolvimento de uma materioteca... Realizou-se bastante coisa, além da consolidação do tripé ensino-pesquisa-extensão. Foram formados muitos bolsistas de extensão e iniciação científica e, posteriormente, quando terminei o doutorado em 2015, tive a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-graduação em Design aqui da UFMA, do qual ainda faço parte atualmente, e pude formar mestrados a partir desta conexão entre produção artesanal, geração de trabalho e renda e sustentabilidade, em sua multidimensionalidade, mas, especialmente, considerando-se as questões sociais e culturais.

Pensar as especificidades, os valores simbólicos de cada grupo produtivo e as cosmologias de cada comunidade, especialmente as tradicionais, as comunidades remanescentes de quilombo com as quais pesquisei, é um mergulho em um pluriverso, muito diferente daquilo que se ensina nas escolas de Design como abordagem metodológica. É um processo de desconstrução de uma lógica

que posiciona a ideia de projeto como central, como norteadora e, especialmente, um desafio em questionar e desnaturalizar aquilo que se entende como o que é o melhor para o outro. Como as visões de mundo são baseadas em valores diferentes, os desejos e as necessidades são também de outra natureza. E isso é bastante difícil de entender inicialmente. Somos treinados a pensar projeto, sustentabilidade a partir de uma lógica produtiva ocidental, moderna, capitalista, eurocêntrica... e a imersão nesse Maranhão profundo das comunidades artesanais tradicionais me fez entender de forma impactante tais diferenças.

**2. Você é coordenadora do NIDA.
Fale-nos um pouco sobre este grupo
de pesquisa e oriente nossos
leitores que queiram saber mais sobre
as atividades desenvolvidas nele.**

Diante deste relato de como a minha experiência como pesquisadora se desenvolveu, assim que retornei do doutorado, criei o NIDA. O nome mudou algumas vezes, mas a sigla sempre foi a mesma. Hoje somos o grupo de pesquisas Narrativas em inovação, design e antropologia. A realidade produtiva com a qual me deparei me conduziu a uma formação na área das Ciências Sociais. Fiz mestrado na UFMA e doutorado na UERJ, ambos em Ciências Sociais. A epistemologia antropológica foi meu percurso em ambos, e essa formação entre design e antropologia foi fundante para a construção de nossas abordagens de pesquisa no NIDA. As abordagens de designantropologia são nosso eixo de ação.

Na prática, isso quer dizer que fazemos design por meio da antropologia, e isso foi se construindo ao longo do tempo, a partir de aproximações com teóricos europeus, com os quais aprendi muito, especialmente com Tim Ingold, com quem tive a honra de realizar uma missão de pesquisa na Universidade de Aberdeen em 2018, mas de lá para cá, penso que temos amadurecido em uma forma nossa de pensar, fazer e pesquisar em designantropologia. Escrevemos assim junto mesmo, porque representa um emaranhado, camadas de significados que se entrelaçam... designantropologia não é o design se valendo da antropologia para ser um design melhor, nem a antropologia se valendo do design para otimizar seus resultados. São conhecimentos que caminham juntos, que abrem fendas e rupturas nas abordagens tradicionais de ambos já que, juntos, potencializam as críticas às colonialidades

que tanto o design como a antropologia trazem no bojo de suas epistemologias.

Pois bem, neste sentido, para enfatizar a questão da sustentabilidade, vimos nos distanciando de modos de pensar o design como solucionador de problemas e como é possível pensar o nosso fazer como prática criativa em aliança com outras formas de saber, de vivenciar a questão de produção, sem uma vinculação com a produção industrial. Os estudos nas Ciências Sociais apresentam abordagens bem críticas ao que se denomina por antropoceno, pós-extratativismo, inconsciente ocidental capitalístico, capitaloceno, antropoceno, como sugere a Marisol de La Cadena (2018) diversas formas cunhadas por diferentes autores que, em suma e de modo simplório, eu resumo aqui, colocam em cheque as escolhas que fizemos para chegar a este estágio de desenvolvimento, e as mazelas ambientais, sociais e econômicas que colocaram o 1% no “topo” do mundo e os 99% restantes em situação calamitosa, de profunda vulnerabilidade.

Desta forma, o design que propomos é um design que busca regenerar, que busca a superação de uma forma positivista e desconectada da vida e desassociar de vez a ideia de uma sustentabilidade que possa ser acompanhada pelo termo desenvolvimento, uma categoria cooptada pela máquina de moer gente chamada neoliberalismo. Se há desenvolvimento, não há envolvimento!

Nosso maior aprendizado, nos últimos seis anos de pesquisa, tem sido a aproximação com o pensamento decolonial dos povos andinos, dos pensadores da latino-américa que debatem as relações colonizadas que foram forjadas em nosso território, em nossas culturas e que nos movem a querer construir outros parâmetros para pensar design e sustentabilidade, a partir de princípios relacionais, ligados aos tempos que divergem dos das sociedades ocidentais, aos ritmos da natureza e aos parentescos com ela. Na visão de comunidades tradicionais, rios, matas, são parentes, não são recursos a serem explorados. Lemos Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Francy Baniwa, Nêgo Bispo... precisamos sorver essas fontes para aprendermos a regenerar aquilo que destruímos com a industrialização, com a globalização que nunca aconteceu como prometida. Não há mundo para todo mundo com essa globalização que privilegiou os super-ricos, contamos o cientista político Bruno Latour (2020). O que há é um colapso planetário que o Design, conforme se constituiu como ciência e prática, não tem dado conta de sustentar, de manter seu *modus operandi*.

Outra lição apreendida com as comunidades

tradicionais com as quais pesquisamos, são as profundas imbricações da produção artesanal com as questões de gênero, que tem sido uma das linhas de pesquisa mais potentes do NIDA, atualmente. Há dois anos ministramos a disciplina de pós-graduação Design e Gênero, uma disciplina interinstitucional com a USP, UBA, Universidade de Buenos Aires, UFMA e, mais recentemente a UFPE, na qual eu, Maria Cecilia Loschiavo, Ana Julia Melo, Eva Rolim e Griselda Flesler trazemos uma mirada interseccional para nossas práticas, e tem sido riquíssima, proporcionando muitos intercâmbios e a constituição da RelaDyG, a rede latinoamericana de design e gênero, com companheiras da Argentina, México, Chile, Colômbia, e aberta a quem chegar!

Entendemos que, por meio de designantropologia, temos a oportunidade de construir processos especulativos e críticos aos modos positivistas de se fazer ciência, no âmbito da sustentabilidade. Dissolver hierarquias nas práticas e relações de poder, deslocando o design do centro do processo criativo é uma chave importante para realizar o que Escobar (2016) denomina por pluriverso. É, neste sentido, que entendo nossas práticas, hoje, e uma referência para pensar as práticas colonizadoras e decolonizadoras na academia tem sido a antropóloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2010), que faz uma crítica às relações acadêmicas, as hierarquias e apartamentos que nossas próprias práticas produzem. Leitura fundamental! As formas de produzir ciência, ainda que a partir de uma perspectiva nomeada decolonial, pode ser muito opressora e hierarquizante. Ontem saiu na Folha de São Paulo uma matéria sobre o livro incrível da filósofa Isabelle Stengers, “Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências”, em que a autora clama pela desaceleração das ciências e do produtivismo acadêmico. Essa aceleração que vivemos é o que nos desconecta de uma vida plena de sentido, de uma produção mais racional, localizada e mais sustentável... temos feito essas leituras, debatido, e tentado fazer nossa parte com nossas pesquisas, nossas palestras e nossos eventos. Mas é um trabalho de formiguinha, como sempre digo à turma do NIDA.

Acho que estamos em um momento bastante efervescente, construindo nossas abordagens de pesquisa, nosso escopo de diálogo com o design, com a antropologia, e nos distanciando um pouco das abordagens do Norte Global. Acho que é um momento de amadurecimento. Já estamos com nove anos de um trabalho de formação intenso, com ciclos de estudos anuais para embasar nossos

pensamentos e pesquisas.

Para quem quiser conhecer um pouco mais do NIDA, temos nosso Instagram, @nidaufma, e nosso site que está sendo construído neste momento, e residirá brevemente em www.nida.ufma.br.

3. Indique as principais atividades que vem realizando na forma de pesquisa-ensino-extensão.

Atualmente, temos três projetos guarda-chuvas em vigor dialogando com a crítica ao antropoceno, às práticas desfuturizantes de design e rumo a uma ideia de autonomia produtiva.

O primeiro deles, que coordeno em parceria com Luiz Lagares, que realiza pós-doutorado no NIDA, intitulado “Crescimento econômico por meio do design e da economia solidária: autonomia e sustentabilidade de produtos artesanais do Maranhão”, financiado pela FAPEMA. A proposta da economia solidária é promover um novo olhar para os valores da produção, em nosso caso de produtos artesanais, de forma mais sustentável. Esse projeto busca aliar os processos participativos do design, suas ferramentas de produção de autonomia produtiva com os conhecimentos da economia solidária.

Atuamos com o CRESOL, o Centro de Referência de Economia Solidária do Maranhão e grupos produtivos vinculados a eles, pensando processos de desmaterialização da produção e fomento dos valores locais das comunidades vinculados a seus produtos, seus processos e sua sistematização de serviços baseados em turismo de base comunitária. Além do Luiz, a Luiza Farias e Taís Figueiredo desenvolvem suas pesquisas de mestrado também no âmbito deste projeto. Ainda, Thaynara Gonçalves, Andreyra Lima e Isabella Martins desenvolvem suas atividades de iniciação científica neste projeto.

O segundo projeto, de extensão, também financiado pela FAPEMA e pelo SEBRAE, intitulado “Cocriando com o Boi da Floresta”, envolve a produção de narrativas situadas para imaginação de futuros com a comunidade do Boi da Floresta, grupo de bumba-meu-boi do sotaque da Baixada, que se localiza no maior quilombo urbano do Brasil, o quilombo urbano da Liberdade. O papel social do “Boi” na comunidade é fundamental para a coesão, para a oferta de trabalho e renda, para assistência social a jovens, mulheres e idosos. A brincadeira acontece no período de São João e a produção de indumentárias com ricos bordados, instrumentos e oficinas de dança e toques

são intensas no primeiro semestre do ano. Contudo, no segundo semestre, com a ausência das atividades, as pessoas caem em situação de vulnerabilidade. Nossa ação, iniciada com a dissertação de Priscila Coelho, defendida em 2023, buscou suporte financeiro para o desenvolvimento de uma loja de produtos com identidade cultural, produzidas pelos integrantes da comunidade do boi, envolvendo aspectos de sustentabilidade econômica e sociocultural.

Em paralelo, desenvolve-se outro projeto de pesquisa, para a criação de um memorial, na sede do Boi, Memorial Apolônio Melônio, em homenagem póstuma ao fundador da brincadeira. A partir da coleta de narrativas de hoje, de ontem e de amanhã, iniciamos um processo de design crítico e especulativo na comunidade, com sessões de fotoelicitação para coleta de narrativas e imaginação de futuros sobre a comunidade, sobre a brincadeira e seu fundador. Nesta ação, Nono Rodrigues desenvolve plano de trabalho como bolsista de extensão e Marcella Abreu, sua pesquisa de mestrado.

Finalmente, temos o projeto “Gender hubs - laboratórios de mapeamento, acompanhamento, análise e prototipação de políticas universitárias direcionadas à equidade de gênero, por meio do design”, recém-aprovado no edital Universal do CNPq, coordenado por mim e com equipe formada pelas docentes de nossa disciplina Design e Gênero - Maria Cecília, Griselda, Eva - e também as pesquisadoras Diana Helene Ramos (UFAL) e Bruna Vasconcelos (UFABC). O objetivo é, por meio do design participativo, prototipar políticas públicas de gênero nas universidades envolvidas, a partir das vivências das opressões e dificuldades nos cotidianos dos campi. O projeto será iniciado em breve, e ainda não há discentes vinculados a ele.

São muitas frentes, muitas atividades práticas... é uma característica nossa de fazer pesquisa fora do laboratório... O campo é o nosso “sul”, de onde construímos a partir de saberes tácitos, com as pessoas, e em diálogo com as diversas cosmologias.

5 - E essa essência fará parte do SDS 2025? Conte-nos sobre as expectativas para o evento.

Sim, claro! Essa decisão em pleitear que o Simpósio de Design Sustentável aconteça aqui em São Luís, em 2025, é uma grande oportunidade para o Programa de Pós-graduação em design da UFMA que busca, neste momento, a sua consolidação e a implantação de um doutorado

acadêmico, que aprofunde as pesquisas sobre as necessidades locais e regionais, como vêm acontecendo desde a sua criação, em 2012, em nível de mestrado.

O décimo SDS – Simpósio de Design Sustentável + Sustainable Design Symposium propõe-se como o primeiro a ser realizado na Amazônia Legal, região para a qual os olhos do mundo se dirigem. As mudanças climáticas são reflexos profundos de uma mudança sem precedentes da qual fazemos parte e é na emergência de confluirmos pensamentos, reflexões e ações que convidamos a todos a pensarem em **mundos por vir**.

Antes de ser um balizador da produção, a temática é um chamado para a presença de vozes, sonhos, histórias, materiais, materialidades e tecnologias para reimaginar este mundo em diversos outros. Como criar mundos para um futuro possível por meio do design?

Propomos um debate crítico acerca das questões multidimensionais da sustentabilidade, envolvendo a dimensão política, as questões relacionadas ao mundo do trabalho, os recortes de gênero, os debates pós-extrativistas, os comportamentos de produção e consumo, os debates sobre as agências no antropoceno, as poéticas e estéticas que promovem e dão corpo a esta discussão.

A comissão organizadora é composta por mim, pelos docentes Denilson Moreira Santos, também do PPGDg-UFMA, Gisele Reis Saraiva do DEDET-UFMA, Camila Andrade dos Santos, Nayara Chaves, Márcio Lima, todos egressos do nosso programa e docentes do IFMA. Envolvemos também nossos egressos, doutorandos em outros programas, Tayomara Santos (UEMG), Samuel Miranda (UNISINOS), além de mestrandos e mestrandas da linha de pesquisa Design: materiais, processos e tecnologias.

Nesta linha, de pesquisa, Design: materiais, processos e tecnologias, desenvolvemos pesquisas que contemplam os diversos eixos do SDS. De um total de 104 dissertações defendidas no PPGDg, 40 situam-se nesta linha, e aqui podemos exemplificar com algumas delas, as dos egressos que hoje fazem parte da comissão organizadora do SDS 2025:

- [A tradição do punhado: avaliação da incorporação da cinza de taquipé \(*Triplaris sp.*\) em argila vermelha na produção artesanal – Samuel da Silva Miranda.](#)
- [Design e sustentabilidade ambiental: potencialidade de aproveitamento da pele da pescada amarela – Camila Andrade dos Santos.](#)

- [Correspondências por meio de sementes: saberes, sustentabilidade e produção artesanal – Tayomara Santos dos Santos.](#)
- [O avesso: alcances e limites da consultoria em design na Associação de Mulheres da Agulha Criativa, em São João dos Patos – MA – Márcio Soares Lima.](#)
- [No cabide: a percepção das digital influencers sobre a estratégia de design para otimização de produtos – Nayara Chaves Ferreira Perpetuo.](#)

Essas pesquisas, assim como muitas das demais linhas do PPGDg-UFMA, dialogam fortemente com a diversidade cultural, social e ambiental do Maranhão. Só para exemplificar, trago alguns dados: O censo 2022 informa que o Maranhão é o 3º estado com maior população indígena do Nordeste; mais de 72% vive dentro de territórios indígenas. O Maranhão tem a 2ª maior população quilombola do Brasil, aponta levantamento inédito do IBGE. No ano de 2021, o PIB maranhense foi de R\$ 124,981 bilhões, 4º maior do Nordeste e 17º maior do Brasil. Quanto ao perfil setorial da economia maranhense, em 2021, destaca-se, primeiramente, o setor de serviços, com 67,7% de representatividade.

Acreditamos que pensar a sustentabilidade e a imaginação de mundos por vir neste estado é fundamental para a autonomia produtiva, para a geração de trabalho e renda, de forma consciente e coerente com a diversidade cultural daqui. E não apenas daqui, mas com o nosso entorno, com os estados do Nordeste e do Norte do Brasil.

Estamos muito felizes em realizar este evento, pensamos em um conceito itinerante para o X SDS, acontecendo em nosso centro histórico, em comunidades ao redor da cidade, envolvendo formato dinâmico e que privilegie diversos saberes! Deixamos nosso convite a todo campo do Design, e que possamos pensar mundos por vir aqui no Maranhão em 2025!

REFERÊNCIAS

BANIWA, F.: BANIWA, F. **O umbigo do mundo**. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

DE LA CADENA, M. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 95-117, abril. 2018.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de

lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu.** PALavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Cia das Letras, 2020.

_____. **Futuro é ancestral.** São Paulo: Cia das Letras, 2023.

LATOIR, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax utxiwa:** una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível:** Manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.